

---

## DECOLONIALIDADE E A AUSÊNCIA DE FUTURO EM “A VIDA NÃO É ÚTIL”, DE AILTON KRENAK

DECOLONIALITY AND THE ABSENCE OF FUTURE IN “A VIDA NÃO É ÚTIL”,  
BY AILTON KRENAK

LA DECOLONIALIDAD Y LA AUSENCIA DE FUTURO EN “A VIDA NÃO É ÚTIL”,  
POR AILTON KRENAK

---

Jair Ferrari Júnior<sup>1</sup>

“A vida não é útil” é um livro do pensador e ativista indígena Ailton Krenak<sup>2</sup>, publicado em 2020, que reúne textos adaptados de palestras, de *lives* e de entrevistas realizadas com a presença do autor entre novembro de 2017 e junho de 2020. Seguindo a mesma linha de sua obra anterior, “Ideias para adiar o fim do Mundo” (2019), Krenak narra, de maneira objetiva e sensível, suas percepções acerca dos temas de impacto nos textos veiculados pela mídia e pela ciência, tal como a crise ambiental decorrente do consumo dos recursos naturais e a pandemia de Covid-19 que, embora ainda no início quando da publicação da livro, seus efeitos já eram suficientemente relevantes para que o autor pudesse trazer a perspectiva de que a pandemia seria conduzida a um patamar de gravidade sem precedentes.

A obra pode ser inserida em um contexto relativamente recente no que tange ao trato dos discursos referentes aos povos originários, trazendo para o lugar de foco os seus próprios pontos de vista não só sobre sua vida e comportamento, como

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), j.ferrari@unesp.br.

<sup>2</sup> Do povo Krenak, que vive em uma reserva junto ao Rio Doce, Ailton teve destaque na mídia na ocasião da Assembleia Nacional Constituinte, em 1987, tal como informado em sua biografia na capa interna de *Ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2020).

também participando de um movimento que os inclui nas esferas acadêmicas como participantes ativos e não objetos de estudo. Essa inclusão coloca os indígenas como produtores de um conhecimento válido que até então lhes era negado ou silenciado.

Eni Orlandi (2008), linguista que estudou os povos originários a partir da *Análise do Discurso Francesa*, infere que silenciar trata-se de “[...] um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes formações discursivas, pelo seu *jogo*” (ORLANDI, 2008, p. 60). A abertura para a voz do indígena nesse universo de sentidos compreende uma série de fatores sócio-histórico-culturais que estão presentes tanto em temas tradicionalmente associados a esses povos, como os direitos de sua livre manifestação de culto e aos territórios que lhes remanescem, como com as questões climáticas e ambientais a nível global. A obra de Krenak, desta forma, se insere no que chamamos de uma perspectiva decolonial do conhecimento.

Os Estudos decoloniais, desenvolvidos especialmente por acadêmicos em humanidades latino-americanas, surge como uma forma de resistência crítica aos modelos que, por séculos, foram determinados tão somente pelas perspectivas do colonizador. Destacando o caráter fundador dessa perspectiva da colonialidade do poder pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1928-2018), cuja atribuição do significado se faz no excerto de sua autoria:

[o colonialismo] demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (QUIJANO, 2005, p. 118).

Esse colonialismo que nega o seu Outro é combatido quando o silêncio é interrompido. O livro de Krenak dialoga, nesse sentido, com outras publicações que se reconfiguram para haja uma ocupação desses lugares tradicionais por elementos que, até então, eram negligenciados como portadores de saberes válidos. Um exemplo disso é a etnobiografia “A queda do céu, palavras de xamã Yanomami” (2015), do líder indígena Yanomami Davi Kopenawa que, embora escrita pelo antropólogo Bruce Albert, que conviveu com os yanomami para se criar a referida obra, tem no texto a expressão em primeira pessoa do indígena, que narra sua

cosmovisão e sua percepção de um mundo que, assim como para Krenak, poderá desabar sobre os ombros de toda a humanidade.

Os contextos acima elencados não esgotam as possibilidades de interpretação da obra de Ailton Krenak que, para além do livro tratado na presente resenha, se inserem em debates políticos e culturais muito mais amplos e que concedem à academia caminhos ainda inexplorados e, em muito, ampliáveis. No que cabe ao presente texto, relataremos como, na perspectiva do autor, os sentidos que os problemas mais urgentes que enfrentamos se coadunam com a sua experiência.

O livro é dividido em cinco textos: “Não se come dinheiro”, “Sonhos para adiar o fim do mundo”, “A máquina de fazer coisas”, “O amanhã não está à venda” e, por fim, o texto cujo nome é o mesmo do título do livro. Há, também, agradecimentos, referências e informações sobre a origem dos textos e do autor.

O texto inaugural do livro, “Não se come dinheiro”, foi adaptado de uma *live* para *The Intercept Brasil* em abril de 2020, uma palestra em um evento no Rio de Janeiro em novembro de 2017 e uma entrevista concedida para Amanda Masuela e Bruno Weis em novembro de 2019 (KRENAK, 2020, p. 122). O autor começa o texto endereçando-o à “humanidade”, não apenas aos humanos do gênero *homo*, mas a “uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre” (KRENAK, 2020, p. 9). Para Krenak, os seres humanos “*stricto sensu*” foram destruindo os outros seres vivos para satisfazer suas necessidades como se esse processo de destruição e de exploração fosse “natural”, constituído a partir da eleição do *homo sapiens* como ser supremo entre os outros. Essa “humanidade” atribuída aos demais seres vivos são, conforme afirmam alguns antropólogos, aspectos comuns da visão ameríndia sobre a sua integração junto à natureza, como o perspectivismo e o animismo (CASTRO, 2020).

Segundo Krenak, em algum momento os humanos creditaram a si mesmos o poder sobre os demais, distanciando o que é do homem do que é da natureza, impulsionados, principalmente, pela corrida pelo lucro. Em suas palavras, “estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra” (KRENAK, 2020, p. 18). Krenak traz assim um grande contraponto às ideologias políticas predominantes na atualidade que trazem o desenvolvimento da humanidade como sinônimo de produção e distribuição

de bens a todos. O mérito do autor está em evidenciar que as mazelas da humanidade residem, justamente, no interior do perímetro que foi formado pelo capitalismo.

A Terra é, para Krenak e para outros grupos de povos originários, uma existência *viva*. A utilização desenfreada dos recursos naturais é, portanto, ferir a existência de um outro ser pelo qual todos os demais estão conectados e que, mais cedo ou mais tarde, sofrerá as consequências desse sistema de exploração. Não haverá uma nova “Arca de Noé” capaz de salvar os seres vivos deste planeta da devastação que ocorrerá se não houver uma mudança radical no modo de habitar a Terra. A visão dos povos originários, que era tida como “primitiva”, é agora vista como prudente. Ou então, pode-se dizer que o “selvagem” passou para uma ressignificação, adaptando o ser humano afastado da natureza como algo mais perigoso do que qualquer animal em seu habitat.

No entanto, não significa que a culpa seja apenas daqueles que produzem tecnologias típicas da modernidade, mas, principalmente, o agronegócio: “Tudo virou agro. Minério é agro, assalto é agro, roubo do planeta é agro e tudo é pop. Essa calamidade que estamos vivendo no planeta hoje pode apresentar a conta dela para o agro”<sup>3</sup> (KRENAK, 2020, p. 23).

Aludindo ao momento histórico da pandemia do novo Corona vírus, o pensador indígena indica que, mesmo a humanidade tendo se auto atribuído o topo da pirâmide das espécies, uma pequena existência microscópica foi capaz de colocar em xeque esse sistema global da economia de mercado. No final das contas, nem mesmo as grandes economias mundiais foram capazes de impedir o avanço da doença, demonstrando, assim, a tese do autor de que o dinheiro não é a solução para os problemas causados pelos rumos que a humanidade traça para si. No entanto, conforme pode-se de compulsar da experiência brasileira em relação à gestão dos recursos para a ciência e a saúde, o sistema pode tanto amenizar o impacto da pandemia, investindo em vacinas, por exemplo, como pode empreender um investimento em circulação de discursos falsos que imobilizam a reação contra um problema real.

---

<sup>3</sup> Krenak faz uma analogia, neste excerto, a uma propaganda frequentemente veiculada nos intervalos comerciais da TV aberta, em que o *pop* do agro é uma máscara que esconde os grandes produtores do agronegócio.

Já no segundo texto, além de entrevistas, teve como fonte mais uma *live*, com a participação do neurocientista Sidarta Ribeiro, no festival “Na janela”, promovido pela editora Companhia das Letras. “Sonhos para adiar o fim do mundo” revela uma conexão entre a mente e uma memória ancestral. Relatando uma experiência de um pajé xavante que, ao sonhar, foi-lhe admoestado por um espírito da caça de que não estava fazendo o suficiente para impedir que os homens brancos não arrasarem com a terra: “Foi ali que eu atinei que havia algo na perspectiva dos povos indígenas, em nosso jeito de observar e pensar, que poderia abrir uma fresta de entendimento nesse entorno que é o mundo do conhecimento” (KRENAK, 2020, p. 35-36).

Ao ponderar que o conhecimento dos povos originários pode passar a integrar a esse universo científico, o autor vai no mesmo sentido das propostas dos estudos decoloniais, que implica um deslocamento da visão e interpretação do mundo para além da perspectiva eurocêntrica/ocidental. Assim, os povos originários saem de um nicho estereotipado pelos atravessamentos ideológicos coloniais – que ainda resistem em muitos âmbitos – para assumir um protagonismo nos discursos sobre pautas importantes à toda humanidade, como a proteção à natureza. Essa perspectiva está fundamentalmente ligada à ideia de que a interação do ser humano com a natureza deve ser harmônica e não exploratória. Para o autor, “essa noção de que a humanidade é predestinada é bobagem [...] por isso que a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas e a outros seres com quem temos afinidade” (KRENAK, 2020, p. 41-42).

A maior importância que se depreende dessa ressignificação dos discursos dos povos originários é a da valorização de saberes que, muito antes dos atravessamentos colonialistas, já eram alinhados com o conhecimento científico “tradicional” em relação à natureza e a própria percepção de que o ser humano é mais um animal, por mais que deseje se afastar dessa condição. Exemplo significativo de outra obra que se inscrever no mesmo lugar da voz dos povos originários sobre os problemas da atualidade é a etnobiografia de Davi Kopenawa, co-escrita pelo antropólogo Bruce Albert, intitulada “A Queda do céu: palavras de um xamã Yanomami”, publicada em 2015, que pode ser considerada como um tratado etnográfico que traz o saber cultural e religioso de um povo que vive em simbiose com a floresta amazônica.

Já em “A máquina de fazer coisas”, trecho constituído a partir de várias *lives* e entrevistas concedidas pelo autor no ano de 2020, ele inicia seu discurso trazendo a perspectiva ameríndia de que a humanidade surgiu de outros seres, aludindo-se a narrativas semelhantes de outros povos ao redor do mundo. Essa ancestralidade, carregada na memória dos povos em sua cosmovisão, reitera a ideia de que a distinção entre os humanos e os demais seres vivos, perseguidas pelos teóricos nas mais diversas linhas, é responsável por parte da derrocada da harmonia da natureza. Nesse sentido, o autor diz que “se a principal marca dos seres humanos é se distinguir do resto da vida terrestre, isso nos aproxima mais da ficção científica que defende que os humanos que estão habitando a Terra não são daqui” (KRENAK, 2020, p. 55). O que mais interessa nessa perspectiva é o fato de que a própria cultura de massas envolve o ser humano como um ser especial, embora não especial ao ponto de se olhar para a própria Terra, da qual faz parte, para perceber que o que o revela como relevante é o fato de a ela pertencer. Não adianta muito buscar no Universo um novo planeta em condição de abrigar uma espécie órfã de um planeta-mãe que ele mesmo matou.

Assim, a ideia principal deste texto é a de que esse sentimento de não pertencimento – ou de destaque – dos seres humanos em relação aos outros seres que coabitam a Terra permitiu um rompimento epistemológico, gerando uma validação para a realização de técnicas cada vez mais sofisticadas para transformar a natureza. Essa transformação constrói, para o pensador indígena, apenas “brinquedos”. Segundo ele, “a verdade é que tudo o que a técnica nos deu foram brinquedos. O mais sofisticado é esse que bota gente no espaço; e também o mais caro” (KRENAK, 2020, p. 59).

O sistema de produção capitalista vende a ideia de que quanto mais tecnologia, mais pessoas poderão ter geladeiras, celulares e que, um dia, poderão morrer mais tarde (KRENAK, 2020, p. 63). Nem mesmo quando a ciência atual indica que a estrutura de exploração da natureza está conduzindo a humanidade para um abismo, aqueles que têm o poder de fazer alguma a respeito não o fazem. Seja as novas gerações que, conforme as próprias palavras do autor, podem dizer: “Mas, agora que chegou a minha vez, você vem me dizer que acabou a festa?” (KRENAK, 2020, p. 61), seja “na cabeça do vereador, do prefeito, do governador, de tudo quanto é gente que

tem o *status* de apertar algum botão” (KRENAK, 2020, p. 67), todos negligenciam a situação e perpetuam os ideais de invasão e de colonização da Terra em um âmbito global. Assim, não se espera que um enunciado de um indígena faça apenas alusão à proteção do seu território originário, mas sim do planeta como um todo. A percepção de que as consequências da transformação da natureza em bens de consumo afetam solidariamente o mundo todo é parte de uma narrativa dos povos originários que, agora, é corroborada pela ciência.

O contexto da pandemia do Corona vírus, à época ainda recente, serviu para as entrevistas concedidas por Krenak em meados de 2020 e que geraram o quarto texto que compõe o livro, intitulado “O amanhã não está à venda”. O autor relata a experiência de estar confinado nas terras pertencentes ao seu povo, os Krenak, próximo ao Rio Doce – que sofreu com o rompimento de uma barragem da mineradora vale, em 2019 – em Minas Gerais. O confinamento de indígenas em seus territórios não é algo novo, conforme ressalta o autor, mas a agenda de Ailton, por conta de seu ativismo político, exigiu-lhe viajar para outros lugares. No entanto, o que a pandemia impôs para todos fez com que refletisse acerca das pessoas que estavam em apartamentos fechados enquanto ele vivia em sua comunidade, trabalhando junto à terra, conforme sempre fez. “Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido de nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020, p. 79).

O discurso, muito refletido nos tempos da pandemia por negacionistas, de que a economia não poderia parar é, na visão do autor, um empreendimento burro (*sic*), afinal, a economia é criada, mantida e continuada pelos seres humanos. Krenak acredita que as vidas perdidas pela pandemia mostraram a fragilidade da vida humana e que, se não servir como uma mensagem clara do caminho que a humanidade está trilhando por meio de suas condutas, se não atendermos a esse recado que a Terra está emitindo, todas essas vidas se perderam sem que nenhum sentido a elas fosse atribuído. Segundo ele, “seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira” (KRENAK, 2020, p. 91).

O último texto que compõe o livro é, conforme relatado anteriormente, o que recebe o mesmo nome da obra: “A vida não é útil”, que foi adaptado de uma conjunção de enunciados obtidos de uma conversa, uma *live* e uma entrevista, todas feitas no ano de 2020. A primeira questão levantada pelo autor são as “pegadas” que a humanidade deixa com a sua passagem pela terra. Precisa-se de mais; desde bebê, com fraldas, produtos de higiene e todo tipo de produtos para os primeiros anos de vida, uma enorme quantidade de recursos naturais são deslocados para dar conta das “necessidades” humanas. “Foi-se a ideia de que cada um deixa a sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo (KRENAK, 2020, p. 96).

No entanto, o autor reflete que seus dizeres não são em nada novos. Primeiramente, relata que o pensamento voltado à ecologia “nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito, e, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer este planeta todo” (KRENAK, 2020, p. 97). Defendendo a ideia que nomeia o livro, Krenak relata a ideia do utilitarismo que foi relacionado à vida como um propósito a ser seguido. “Civilizar-se” se transformou em uma religião, dominada pelo consumismo. A vida, segundo o autor, “é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária (KRENAK, 2020, p. 108). As guerras, as doenças, os problemas econômicos e a miséria causada por eles são uma criação dessa rede de sentidos imposta por esse *modus vivendi*. Krenak ainda revela que crê que o discurso indígena tem como princípio epistemológico a negação da propriedade privada como fundamento (KRENAK, 2020, p. 115).

De um modo geral, algo que pode ser observado tanto no discurso de Krenak quanto no de outros líderes indígenas cujas ideias circulam na contemporaneidade é o fato de que parte do que embasa seus argumentos reside numa ancestralidade que esses povos têm com a terra que vivem. O rio, a montanha e a floresta não são apenas elementos que designam o relevo, o clima ou, mais especificamente, recursos econômicos. São parentes. Seres que partilham o mesmo cosmos que os seres humanos e os outros animais. A vida está sendo consumida para consumir bens materiais e propriedades que, no fim das contas, servirão apenas de distração para esconder as reais coisas que são necessárias para obtê-las. Um ciclo vicioso que, se

não for rompido, culminará na destruição da vida, de espécie em espécie, tornando os seres humanos, mais uma vez, iguais à natureza, mas, dessa vez, todos reduzidos ao mesmo nada.

Assim, as ideias de Ailton Krenak permeiam as circunstâncias que a humanidade criou desde o momento em que decidiu, ainda que apenas no campo das ideias, cortar o cordão umbilical entre o homem e a natureza. Em “Ideias para o fim do mundo”, de 2019, pensador indígena reflete sobre a ideia de se caracterizar a era atual como “antropoceno”. Afinal, se uma espécie foi capaz de modificar a realidade de um planeta inteiro tal como um grande cataclismo, dever-se-ia muito mais haver preocupação do que orgulho. Mais do que um alerta para um futuro apocalíptico que se anuncia no horizonte próximo, o autor revela que os saberes dos povos originários estão à disposição para pensar um futuro de um mundo para além do seu fim.

## REFERÊNCIAS

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à Vista: Discurso de Confronto - Velho e Novo Mundo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Resenha recebida em 01 de Maio 2022.

Aprovado em 12 de outubro de 2022.